

LEMBRANÇAS DE MINHAS MUDANÇAS

Renata Martins Plucenio¹

Minha vida sempre foi cheia de muitas idas, e de poucas vindas. Por conta do trabalho do meu pai, minha mãe aventureira e seus filhotes o seguiram pelo mundo, antes mesmo de eu vir a este. Ele trabalhava em uma empresa petrolífera, e era transferido de tempos em tempos, e nós (eu e meu irmão mais velho) mudávamos de endereço, casa, língua, escola, professores e amigos.

Confesso que eu gostava dessas mudanças, das novidades, dos desafios que iria encontrar, antes mesmo deles existirem. Quando eles batiam na porta, era difícil. Quando fomos para Libreville (Gabão, África), eu tinha dois anos de idade e estava aprendendo a falar português, foi quando entrei em uma escola francesa (seus alunos não eram em sua maioria africanos, e sim, europeus e americanos, filhos de petroleiros), meus amigos já falavam francês. E aí meus pais me ajudavam em casa, eram meus professores. E assim, conseguia entender o que meus professores falavam, já conversava com meus amigos e cantava com eles minha música preferida na época: *Mon petit lapin*².

Ao pensar neste período e nesta escola, sinto o cheiro da grama cortada e a sensação de vento no rosto. Tínhamos muitas aulas ao ar livre, e fazíamos nosso lanche em um piquenique, com uma mesa comprida, bancos dos dois lados, sentindo o gramado nos pés e comendo nossos sanduíches. Durante muito tempo, não via essa minha passagem como em uma escola, por ter sido tão diferente de todos os outros ambientes que passei. Por conta das brincadeiras, dos momentos

¹Graduanda em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina.
E-mail: replucenio@gmail.com

² *Mon Petit Lapin* é uma música infantil, francesa, que aprendi na escola, pela celebração à Páscoa.

descontraídos, das diversões, sentia que era um lugar de passeio, e não de estudo.

Ficamos quatro anos no Gabão, e nas férias visitávamos locais próximos dali na África e Europa, e sempre tirávamos alguns dias em Florianópolis, na metade e no fim do ano. Em casa, meus pais conversavam conosco em português, para não esquecermos nossa língua nativa. E sempre que retornávamos a Florianópolis, nós queríamos falar (e muito) em português e até nos sentíamos um pouco constrangidos com os pedidos dos nossos avós, tios e primos para falarmos em francês.

Depois deste período, retornamos ao Brasil, primeiro para São Mateus (ES). Lembro muito bem da minha escola. Tive um carinho muito especial por minha professora, me lembro até hoje dos seus cabelos crespos e claros. Era a Tia, achava engraçado chamar a professora de Tia (pensava que só chamássemos assim parentes), lembro que adorei essa novidade e todas as outras que ia descobrindo nas escolas do Brasil.

Lembro que a escola era pequena, com poucas turmas, e as turmas tinham poucos estudantes também. Tínhamos muitas atividades dentro de sala de aula, em que a professora nos lia histórias (lembro-me de uma que me marcou, em que o leão fez amizade com a zebra e ao fim da história, ele se alimentou desta zebra – fiquei um tanto assustada com esse conto), e das brincadeiras no parquinho da escola, em que preenchíamos com areia as letras do alfabeto, preenchíamos com *glitter* e cola colorida os números... Eu adorava! Mas lembro de que minha mãe já estava cansada disso, sempre questionando a professora se não deveríamos aprender já as sílabas, a somar...

Minha mãe sabia que não ficaríamos ali sempre, e que em outras escolas pelo Brasil, nesta idade, já estaríamos aprendendo a ler, escrever, operações matemáticas... Eu não gostava dessa conversa da minha mãe, afinal, não queria deixar de brincar com a areia do parquinho E com coisas coloridas! Era tão divertido!

Após quatro anos, nos mudamos para Aracaju (SE). E aí, aquela parte difícil das mudanças, foi bem clara. Entrei numa escola chamada 'Escola Brasília' (e também nunca entendi o motivo do nome, pois achava que Brasília era no meio do Brasil e não ali). E lembro bem como fiquei constrangida quando meus amigos, no primeiro dia de aula, soletraram o alfabeto inteiro em volta de mim, a pedido da professora. Eu não sabia o alfabeto, e eles falavam de maneira diferente "a – bê – cê – dê – fê – gê - ... lê – mê – nê – pê ... – rê – si...". Tratei de copiar em meu caderno tudo isso, pra chegar a casa e contar aos meus pais!

Chegando a casa, orgulhosa, comecei a ler em voz alta o que havia aprendido. E meus pais levaram um susto e falaram "não é assim, filha!" e eu, teimosa como era, falei que era sim, que a professora tinha falado! Meus pais foram à minha escola (fiquei morrendo de vergonha) e conversaram com a professora sobre isso, e me explicaram que eram diferenças regionais.

Na segunda aula, a professora disse que iriam continuar retomando o que tinham visto no ano passado, e passou algumas contas no quadro e pediu que resolvêssemos no nosso caderno. Entrei em desespero! Eu mal sabia falar o nome de cada número e agora teria que somá-los, dividi-los e subtraí-los? Lembro que fingia escrever em meu caderno, e que estava entendendo tudo. Mas, a professora, que não era boba nem nada, percebeu. E o que me pareceu pior naquele momento: ela falou pra minha mãe que eu deveria frequentar aulas particulares para acompanhar a turma! Só fui uma vez na aula particular, e fiquei tão brava que quebrei o lápis de tão nervosa que fiquei. Nossa memória é seletiva, não me lembro de nada do que a professora da aula particular falou, só lembro que não fui mais.

Então, meus pais-professores entraram em ação, e me ensinaram a somar, subtrair, dividir, multiplicar. Claro que tivemos nossas brigas, afinal, a professora fazia de um jeito em sala, e queria que fizéssemos igual em casa. Confiava muito na Tia, se ela falou que era assim, era o

certo. Depois, eu descobri também que meus amigos já liam. E meu pai, com lembranças de sua cartilha, comprou um quadrinho negro e me ensinava “vo-vô viu a u-va”.

Nesta escola, havia premiação para o primeiro lugar do bimestre: uma medalha dourada. Minha melhor amiga, a Lis, ganhou a sua no primeiro bimestre. E eu fiquei morrendo de vontade de ganhar uma também, mas sabia que teria que estudar muito e acompanhar a turma. Pois bem, consegui vencer os obstáculos, com ajuda dos meus pais e ganhei as medalhas dos bimestres seguintes. No ano seguinte, além das medalhas, os 10 primeiros alunos da escola passariam o domingo em um sítio com piscina. Pois fiz de tudo pra ir nestes passeios, e eu e a Lis sempre estivemos presentes com nossos biquínis na mochila.

Senti também muita mudança pela metodologia de trabalho desta nova escola. Pela primeira vez, eu me sentava em fileiras e assistia às aulas, copiava toda matéria escrita no quadro-negro, fazia muitos deveres em casa, tinha muitos livros (um de cada disciplina), tinha provas. A sala tinha muitas pessoas, e a escola era grande. Eu gostei da mudança, por me trazer um novo desafio, achava divertido ter tantos livros, copiar nos cadernos todos decorados com adesivos, fazer deveres com canetinhas coloridas. Sentia-me gente grande!

Três anos depois, a Lis ia mudar de escola, e meus pais decidiram me mudar também. Fui estudar no Colégio Amadeus. Também achei engraçado esse nome, pensei que era uma escola religiosa, mas meus pais me explicaram que era homenagem a um músico e me mostraram suas obras. Fomos ver o uniforme da escola, e teria que usar calça comprida jeans! Lembro que achei todas essas novidades o máximo e fiquei entusiasmada com a escola, mesmo antes de entrar nela. Se antes eu achava que era gente grande, imagina agora, usando calça jeans.

Essa escola era maior, tinha até o 3º ano do ensino médio, piscina, quadras de esporte, cantina com mais salgados e bolos, e agora eu teria um professor de cada disciplina! E foi neste ano que me apaixonei por Ciências. A professora nos dava muitos temas de pesquisa, e meus pais

tinham e compravam muitas enciclopédias e almanaques. Eu adorava pesquisar nos livros, pegar figuras e fazer meus relatórios de pesquisa! Tem um que ficou na minha memória, cujo tema de pesquisa eram as aves. Eu tinha um livro em casa sobre os seres vivos, e tinha um capítulo só sobre aves, resultado: debrucei-me naquele livro, tirei cópia colorida de figuras, coletei ninhos, penas e cascas de ovos na praça perto de casa, e todos foram para meu trabalho. Nunca me esqueci do pedido da professora para ficar com meu trabalho, de tanto que tinha gostado. Fiquei muito orgulhosa.

Dois anos e meio depois, veio a notícia: ou nos mudaríamos para Rio de Janeiro ou Belém. Meu pai pediu para ajudarmos nessa sua decisão. Meu irmão e minha mãe não ficaram nada felizes. Meu irmão porque não queria se afastar de seus amigos, e minha mãe porque estava já cansada de tantas mudanças. Eu estava indecisa se preferia ir para uma cidade grande como o Rio de Janeiro, ou para uma cidade em que poderia ter uma casa com piscina e cachorro.

No fim, meus pais decidiram que era o momento de ele se aposentar e voltarmos para nossa cidade natal: Florianópolis. Chegando a Florianópolis, entrei no meio do ano letivo da 7^a série. Os temas que estavam sendo trabalhados aqui eram diferentes dos temas de Aracajú, mas isso não era mais novidade pra mim. O que mais me incomodou, na verdade, foi a falta de informação de meus novos colegas, que me questionavam o tempo todo se em Aracajú tinha televisão, telefone e cinema.

Essa metade de ano letivo na escola passou rápido, e o que ficou na minha memória foram os trabalhos que fazíamos lá. Preparamos um filme em que adaptamos uma cena de uma obra de literatura nacional para nossa realidade, gravamos sons da natureza e construímos uma música, montamos uma empresa júnior onde fazíamos produtos com papel reciclado, construímos um porta-retratos com lascas de madeira. Foram quatro meses muito produtivos pra mim! Mas sentia que tinha que mudar, é meu costume.

No ano seguinte, passei por momentos difíceis em minha nova escola. As dificuldades de relacionamento com meus colegas de turma me levaram a muitas situações em que me sentia a pior pessoa do mundo. Foram piadas por eu ter morado em outros lugares, roubos de materiais que usava em sala, ninguém para conversar. Sentia-me rejeitada, insegura e tinha até vergonha de contar esses acontecimentos para meus pais! Apesar de eles terem notado minhas mudanças de comportamento, passei de uma menina participativa, alegre e empolgada a uma menina triste, desconfiada, insegura, tímida e calada. Mais tarde, isso mudou novamente (ainda bem).

Mudei de escola novamente, no ano seguinte, e agora poderia ir de ônibus até lá! Pra mim, era uma aventura, eu que sempre era levada pelos meus pais pra lá e pra cá de carro, agora ia sozinha, em um ônibus, para o centro da cidade, caminhar e procurar a minha escola (me perdi algumas vezes, confesso). Essa escola tinha estrutura de um curso pré-vestibular: usávamos apostilas, fazíamos simulados e conversávamos sobre o vestibular. Isso me incomodava um pouco, sempre gostei de livros, e agora só me restavam esquemas, 'macetes' e resumos. Mas me falavam que era o que importava no momento.

Nestes dois anos nesta escola, dois professores me chamaram atenção especial. A professora de Biologia foi uma delas. Em seu primeiro dia de aula lançou uma questão: "Por que podemos dizer que proteínas são como um colar de contar? Pesquisem e tragam a resposta para próxima aula". Isso me intrigou, e me lembro até hoje da forma como ela nos questionou. Pesquisei em muitos lugares essa resposta, e apresentei na aula seguinte. E assim, foram minhas aulas de Biologia: questões lançadas, pesquisa por respostas. Era intrigante, desafiador, era o que eu gostava.

O professor de Matemática era 'o outro'. Eu tinha uma certa facilidade de lidar com números, e acabei tirando nota dez em todas as avaliações de Matemática nesta escola. Isso fez com que este professor

me convidasse para participar das Olimpíadas de Matemática, em que faria algumas aulas na Universidade Federal de Santa Catarina.

Ir para Universidade me despertou para o vestibular (mais do que os simulados realizados na escola), eu queria estar lá, onde meus pais estudaram. Mas o que fazer? Eu gostava dos números, mas gostava de Ciências. Por eu ter ido bem nos simulados na escola e sempre ter notas boas nos meus boletins, meu avô foi logo opinando (como se tivesse uma relação sobre isso): “- Ela deve ser médica!”. Eu sempre gostei de lidar com pessoas, mas pensar que haveria o risco de uma pessoa morrer em minhas mãos me causava arrepios, sempre me envolvi demais com as pessoas ao meu redor. Meus pais, irmão, tios e primos eram engenheiros, mas eu sabia que essa atividade não me despertava paixão.

Mudei de escola novamente no terceiro ano do ensino médio e essa nova escola era bem diferente, os professores faziam piada o tempo inteiro, a sala de aula era grande, com cerca de 100 alunos em cada sala, os professores tinham que falar no microfone, e as aulas eram filmadas! Era tudo novo pra mim, mas os ‘macetes’, esquemas e contagem dos dias para o vestibular continuaram e até se intensificaram, o que me deixava cada vez mais ansiosa para as provas dos vestibulares. Apesar de toda preocupação pelo vestibular, meu último ano na escola deixou boas lembranças, de aprendizagens, vitórias, novas amizades, desafios e novidades.

Novidades... Pelas quais em toda minha vida passei e me fizeram perceber que podem ser difíceis e penosas em primeiro momento, mas nos dão muito prazer quando conseguimos lidar, aprender e desfrutar dos prazeres que elas podem trazer.